

Capítulo 1

Os anos cinzentos

Setembro de 1939

A bola de trapos ora subia, ora descia no terreno poeirento, enquanto a garotada corria desesperadamente atrás dela, quietos apenas os dois guarda-redes, firmes e fiéis defensores das balizas. Naquele local então vazio, visitado por garotos e vagabundos, também por cães e gatos vadios, aqui e ali decorado por algumas enfezadas plantas bravas, surgiria anos mais tarde uma fonte monumental, cheia de cores luminosas em noites festivas, numa alameda rodeada de prédios para gente rica, vários cafés e um grande cinema, de nome imperial. Mas, por enquanto, era terra conquistada aos adultos, à disposição da miudagem, nas suas aventuras próprias. Às vezes, na confusão das correrias, a bola ficava para trás dos jogadores que a perseguiam, mas já não viam, ou esperavam o passe adiantado, pois não havia árbitro em campo, para decidir os possíveis foras-de-jogo. Um miúdo mais esperto, morador na íngreme Calçada do Poço dos Mouros, onde jogara comigo ao berlinde, estacionava junto à baliza adversária, esperando só ter de empurrar a bola um ou dois metros, para fazer o golo e irritar o guardião adversário.

Mas havia dois perigos iminentes, mesmo quando tudo parecia calmo e seguro. O polícia, zeloso cumpridor do seu nobre papel de defensor da ordem pública, que podia de repente surgir correndo, de trás do muro, de *casse-tête* na mão, pronto a bater nalguma cabeça despen-teada e desprevenida. Ou a seita de maltrapilhos do Alto do Pina, que se fazia preceder duma barragem de pedradas. Algumas pedras eram bem volumosas, duras, compactas e poderiam ferir gravemente a vítima, caso atingissem a cabeça. Era pois necessário fugir depressa dos bárbaros invasores e, entretanto, estar muito atento aos projecteis para

oportuno desvio. O conflito tornava-se mais grave quando se declarava a «púrria», isto é, a guerra aberta e total entre bandos ou seitas de garotos.

Já a polícia era menos perigosa, até porque os intitulados agentes da autoridade felizmente não tinham prática desportiva, alguns até exibiam confortáveis barrigas e era fácil fintá-los, tal como o bom avançado no jogo de futebol sabe enganar os defesas. Sempre recordaria com orgulho o ágil movimento do corpo que uma vez me permitira não só livrar-me do polícia que, de surpresa, surgiu de trás da esquina correndo para me agarrar como, ainda por cima, fizera o desajeitado agente estatelar-se contra o muro, a contorcer-se com dores, enquanto eu fugia, para bem longe, veloz corredor rua abaixo.

As pessoas nascem, vivem e morrem contidas numa colorida embalagem feita do seu tempo, dum tempo que em parte é de cada um e só dele, mas que também brota dum fluxo cósmico, irrepitível, cuja vivência é momentânea e, no essencial, incomunicável. Por isso, mais tarde ou mais cedo, descobrimos que a realidade das nossas vidas passageiras só existe e subsiste no filme da nossa imaginação, quando pretendemos reconstruir a experiência única da junção desses dois tempos. Mas, como personagens mais ou menos secundárias, também passamos pelas realidades que os outros imaginam, à sua precisa medida, claro.

Compreendi muito cedo a condição de mortal – além de murteira, a flor da murta, como minha mãe um dia me explicara – mas nunca aceitei a ideia. Era como se sobrasse alguma esperança de ser excepção à regra. E fiquei confortado quando, numa aula de Física, no liceu, o professor diligente explicou que o facto que se repete muitas vezes não justifica, em rigor, prova de que aconteça sempre. Dizia, com convicção: é provável que o Sol nasça amanhã mas não podemos estar absolutamente seguros disso.

Nem doutra coisa qualquer, bem entendido.

Nesses dias da infância, senti pela primeira vez que, para o bem ou para o mal, pertencia a uma terra de ninguém, como aquele improvisado campo de futebol. Não alinhava com a miudagem vadia e de pé descalço, que habitava o mundo misterioso e miserável dos bairros-de-lata. Tão-pouco me sentia próximo do outro bando limpo e bem vestido, dos filhos dos ricos (era como mentalmente os classificava, com algum exagero), que desciam à rua para fugir da escola-prisão, provisoriamente libertos quer das mães quer das professoras. Ambas as classes de fêmeas estavam mal habilitadas para a respectiva função, talvez porque as respectivas mães e professoras também não tivessem benefi-

ciado de melhor preparação, e assim recuando sucessivamente no tempo chegaríamos até Eva, a verdadeira culpada dos nossos males, pecadora original... Pobre Adão, ingénuo e impotente pioneiro do desanimador desfile humano, consideraria eu, ao atingir a reflexiva e depressiva liberdade dos dezasseis anos. Uma liberdade que tinha os seus riscos, é certo.

Dez anos antes, tinha eu a invejável idade de seis anos, numa manhã de Setembro de 1939, ouvira a voz solene do popular locutor dizer na rádio que os alemães tinham invadido a Polónia. Sabia que o acontecimento era importante, embora me fosse difícil explicar porquê. Tal como não entendera quem, afinal, eram os «bons» e os «maus» no famoso cerco do Alcazar de Toledo, durante a guerra civil espanhola. Mas percebia que aquelas guerras de pedrada em que me envolvia tinham explicação na disputa de terrenos periféricos da cidade entre bandos rivais. Talvez as guerras dos adultos simplesmente tivessem a mesma causa, embora a outra escala.

Enquanto procurava compreender o que se passava, para além do Alto do Pina e do Alto de São João – «altos» de horizontes bem rasteiros no fim de contas –, era forçado a tomar partido entre dois grupos: o dos mais numerosos que apoiavam os «aliados», e os outros que se identificavam com espanhóis e alemães. De início, tomei partido pelos segundos, já que o meu maior amigo – e também vizinho de rua – pertencia a esse grupo, pois o pai tinha quaisquer negócios misteriosos na Espanha de Franco. Mas mudei de ideias quando numa tarde, após a fuga da escola, vi no cinema Lys, na Avenida Almirante Reis, um filme alemão (o título era *Stukas*, um modelo de avião muito usado pelos nazis no princípio da guerra) em que os caças alemães, em voo picado, metralhavam sem piedade colunas de refugiados que julgavam poder fugir da guerra.

Grandes batalhas se travavam então no chão da sala de jantar, na casa dos meus pais, batalhas em que soldados de chumbo, miniaturas de peças de artilharia, carros de combate e aviões dos dois exércitos se confrontavam segundo planos estratégicos inspirados nas notícias que chegavam do real teatro de guerra. Mas, no fim de tudo, os nazis eram destroçados, fugindo da sala de jantar em debandada para o corredor, onde finalmente se rendiam aos aliados e acabavam prisioneiros em caixas de cartão.

Como mereciam.

Vieram depois outros sinais da guerra, ao mesmo tempo próxima e distante. Havia as estrangeiras «refugiadas», invejadas e detestadas pelas mulheres nativas, que usavam por vezes estranhos turbantes enrolados

nas cabeças quase sempre louras, mas oxigenadas, não de origem. Mostravam-se nos cafés e esplanadas da Baixa de Lisboa, perante olhares gulosos dos machos latinos que as observavam.

Eu só percebi que a sua má reputação era imerecida quando me enterneci com Ingrid Bergman, deixando Bogart, o Café Rick e Casablanca a caminho de Lisboa, rumo (dizia-se) ao mundo livre. E como era bela a luz, mesmo num filme a preto-e-branco, que jorrava do olhar apaixonado da Ingrid! *As time goes by*.

A que corrente misteriosa estaria ela ligada, para conseguir tal esplendor?

(Cinquenta anos decorridos ouviria um chinês dizer-me, em Xangai, com um irónico sorriso de cumplicidade, ao saber que procedia de Lisboa: «*Ah, Casablanca...*». Será que para o chinês o verdadeiro mundo livre era o ideal de Mao? Pensei que, sem dar por isso, nos movemos numa misteriosa dimensão que torna o espaço e o tempo noutra coisa. Resta saber o quê.)

Também se notavam por todo o lado os gasogéneos nos automóveis, já que escasseava a gasolina, enquanto os diligentes moradores das ruas de Lisboa, em obediência a prudentes conselhos das autoridades, enchiam de fitas adesivas os vidros das janelas, prevenindo possíveis estilhaços em caso de bombardeamentos. Em varandas de prédios altos, avistavam-se pequenas capoeiras, para patriótica criação de coelhos e galinhas, pois podia falhar o abastecimento da população. Eu tinha a sensação de que tudo aquilo resultaria inútil, em caso de guerra, mas ajudava a criar a impressão de que também nós entrávamos no grande filme em projecção pelo mundo fora. Assim, não ficaríamos, vergonhosa e cobardemente, espectadores passivos, à margem desse mundo.

Mas só muito mais tarde compreendi a profundidade do fosso que separava Portugal do trânsito da História desse tempo.

As aulas no liceu eram geralmente penosas. *Chatas e compridas como a espada de Dom Afonso Henriques*, era a imagem erudita frequentemente usada para descrever o estado de espírito dominante na sala.

E algumas aulas não só surgiam penosas, mas também assustadoras. Havia reguadas abundantes, que deixavam as mãos a arder, um professor de Matemática não hesitava em esbofetear o aluno rebelde, outro cujo rosto lembrava Estaline e pretendia ensinar a democrática língua de Voltaire, torcia orelhas com requinte sádico. Mas eu receava sobretudo as aulas de Ciências Naturais, quando o professor Albano, surdo e velho, sempre vestido de negro (dizia-se que carregava dolorosamente o luto pelo falecimento da mulher) e que desconfiava de todos, mandava

fechar rigorosamente as janelas, logo que entrava na sala. Pois tinha sempre frio, sofria de bronquite crónica, tossia e cuspiu no lenço. E, com duro olhar, procurava à sua volta algum suspeito abrir de boca. Imaginava sons que não podia entender por ser surdo, mas que supunha – às vezes, com razão, é certo – conterem as maiores obscenidades, para expulsar algum garoto da aula, com direito a falta de castigo.

Em suma: era um verdadeiro pesadelo esta combinação singular de paranóia, surdez, tosse, cuspo, lenço e luto cerrado. Imagina-se a imensa felicidade geral quando o Albano faltava, abrindo duas horas de folga no desfile diário de chatices e temores.

A tensão subia ao máximo quando o Albano, sentado em estrado alto que dominava a sala de aula, puxava dum saco de pano negro, onde guardava pequenas fichas redondas com os números dos temerosos alunos, esperando que a sorte ou a Divina Providência os livrasse de serem escolhidos, consoante a tiragem das fichas do sinistro saco. O infeliz assim sorteado, teria de recitar sem hesitação as páginas do livro que o Albano em tempos escrevera, abordando temas fascinantes: por exemplo, as características identificadoras do polvo.

Dada a dureza dos ouvidos do Albano, o jovem corajoso, e com sentido de humor, podia meter no seu discurso sobre o polvo referências oportunas ao tubarão ou ao atum; qualquer animal servia, afinal, desde que o recitante tivesse aparência humilde, sossegada e aplicada.

E, bem vistas as coisas, era uma imagem representativa de todo aquele absurdo processo de aprendizagem: o essencial estava no ritual, na aparência, não contava a verdadeira aquisição de conhecimento. Esta fazia-se na rua, nas «púrrias», nos jogos de futebol com bola de trapos, nas peripécias policiais e, para alguns mais felizes, ou de melhor qualidade humana, nas relações de amizade e camaradagem que podiam brotar no meio de tudo o resto.

Eram tempos de preâmbulo, mas em que se formavam os primeiros fragmentos que eu iria juntar, no tempo percorrido, procurando tecer um desenho que, pelo menos para mim, tivesse algum significado. Ainda que apenas fosse a procura teimosa e interminável do mesmo.